

A MULHER QUE COMEU O AMANTE, DE BERNARDO ÉLIS, EM INGLÊS: UM PEQUENO ESTUDO SOBRE TRADUÇÃO ESTRANGEIRIZADORA

Phablo Felipe Oliveira¹, Johnwill Costa Faria²

Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas

Resumo:

Este trabalho explora a riqueza linguística e cultural do escritor goiano Bernardo Élis, a partir de uma tradução para o inglês de seu conto *A mulher que comeu o amante*. Dentre os inúmeros desafios impostos pela tradução, Tymoczko (2002, p. 29), expõe duas estratégias: aproximar o texto do leitor ou levar o leitor até o texto, afirmação, aliás, que parece ter base em Schleiermacher (1813/2011, p. 22). É isso também que levou Venuti (1995, 1998) a conceber o conceito de *tradução estrangeirizadora* e *tradução domesticadora*. Berman (2007, p. 28), por sua vez, tem por concepção que as traduções literárias tradicionais têm um matiz culturalmente etnocêntrico (2007, p. 28). Compreendendo isso como uma estratégia domesticadora de tradução, Venuti (1995, p. 20) defende a abordagem estrangeirizadora, no caso das traduções para o inglês, de modo a “conter a violência etnocêntrica da tradução”, ao racismo e ao que chama de narcisismo e imperialismo cultural. Assim, o conto supracitado é utilizado como exemplo de análise, verificando até que ponto algumas domesticações realizadas podem ser convertidas em estrangeirização.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Estrangeirização. Domesticação. Literatura goiana. Bernardo Élis

Introdução

A ascensão da língua inglesa como modelo cultural dominante faz considerar que quanto maior é o poder econômico e político de um país, maior é o seu poder de influência no mundo e sua cultura ganha maior visibilidade, por exemplo, no número de traduções de obras dessas culturas em países de posição mais periférica, como o Brasil.

No que isso diz respeito a estatísticas de obras traduzidas no contexto brasileiro, conforme Wyler (2013, p. 13), o número de traduções de línguas estrangeiras para o português é maior do que o contrário. Línguas estrangeiras

¹ (IC)* phablofeliipe@hotmail.com

² (PQ)

essas que, não surpreendentemente, em sua maioria são originárias de países de maior domínio político no mundo, como o inglês, francês, alemão e o italiano.

Schleiermacher (1813/2011), Berman (2007) e Venuti (1995, 1998), de certo modo, se coadunam em torno de uma estratégia de tradução mais preocupada em valorizar as culturas estrangeiras, além de dar mais visibilidade aos tradutores, resumindo-se no que Venuti (1995, p. 20) chama de *tradução estrangeirizadora*, como um caminho mais adequado e ético.

Este trabalho, portanto, traz o conto *A mulher que comeu o amante*, de Bernardo Élis, em uma tradução para a língua inglesa de Mark David Ridd, como estudo aplicado dessas considerações teóricas, refletindo em que medida as escolhas tradutórias resultaram em domesticação ou estrangeirização e, conseqüentemente, como a tradução domesticadora talvez pudesse ser reconsiderada, dando lugar à estrangeirização e, desse modo, a cultura do texto de partida pudesse ser mais valorizada, em conformidade com a base teórica selecionada.

Tal valorização, aliás, pode ter como um dos caminhos a tradução, que, conforme John Milton,

pode ser importante para consolidar o conceito de nação, principalmente em casos de traduções pequenas ou novas, e daquelas que passam por transformações profundas (...). Além de mostrar “monumentos nacionais”, que são importantes para desenvolver o sentido da identidade de um povo, a tradução pode ajudar a reunir os membros da nação (MILTON, 2002, p.133-134).

A escolha, aqui, do inglês como língua de tradução de um texto concebido em português, que reflete alguns aspectos particulares de uma região brasileira, pode ser justificada pelo que afirma Tymoczko (2002, p. 34):

A apropriação de uma língua dominante para os objetivos de uma ex-colônia ou de um grupo oprimido e a mudança da poética dominante para os padrões de uma população minoritária ou pós-colonial são meios potentes de realinhar estruturas de poder em um campo cultural compartilhado e de afirmar uma visão de mundo independente (tradução nossa).³

³ The appropriation of a dominant language for the aims of a former colony or an oppressed group and the shift of dominant poetics towards the standards of a minority or post-colonial people are potent means of realigning power structures in a shared cultural field and of asserting an independent world-view.

Tradução estrangeirizadora e tradução domesticadora

Maria Tymoczko (2002, p. 29) afirma que, nos Estudos da Tradução, existe uma distinção que com frequência é feita entre trazer o público para o texto, ou trazer o texto para o público, ressaltando que quanto maior é o prestígio da cultura de partida e do seu respectivo texto, mais facilmente se faz com que o público se aproxime do texto.

Tal constatação segue uma linha de raciocínio que, em certos aspectos, converge para considerações feitas por outros nomes importantes dessa área: Friedrich D. E. Schleiermacher, Antoine Berman e Lawrence Venuti.

Schleiermacher (1813/2011, p. 22) destaca que o tradutor possui duas opções: ou ele “deixa o autor o mais possível em paz e leva o leitor ao seu encontro” ou “deixa o leitor o mais possível em paz e leva o autor ao seu encontro” e sustenta que o primeiro método é o mais adequado, em linhas gerais, por valorizar a cultura estrangeira.

Berman, por sua vez, tem por concepção que as traduções literárias tradicionais têm um matiz culturalmente etnocêntrico, “que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela — o Estrangeiro — como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura” (2007, p. 28).

De modo avesso à leitura facilitada para um público, mediada pela tradução, o que consiste em simplificar uma obra para deixá-la mais “natural” e mais fácil a quem não domina determinada língua estrangeira, Berman trata de propor que esse público entre em contato com a estranheza da língua e da cultura de partida. A tradução é o veículo que permite esse acesso que, no entanto, não deve, por conseguinte, facilitar ou vulgarizar:

Popularizar o original não significa vulgarizá-lo. Emendar as estranhezas de uma obra para *facilitar* sua leitura acaba por desfigurá-la, e, portanto, enganar o leitor a quem se pretende servir. Precisa-se, antes, como no caso da ciência, de uma *educação à estranheza*. (BERMAN, 2007, p. 66).

É assim que Berman define um objetivo mais profundo para a tradução, com uma dimensão tríplice: ética, poética e filosófica, dentre as quais se destaca aqui a

primeira: a dimensão ética se refere à necessidade de reconhecimento e acolhimento do Outro enquanto Outro, preservando e respeitando sua diversidade.

Venuti (1998, p. 240-244), a partir de Schleiermacher, discorre acerca do que ele denomina de estratégias de *domesticação* e *estrangeirização* do texto traduzido.

Desse modo, o texto domesticado deixaria o leitor em situação mais confortável, pois aqueles elementos da cultura estrangeira que lhe poderiam causar algum estranhamento foram ajustados, pela tradução, em equivalências, similaridades ou, perdas ou acréscimos, resultando num texto mais “natural” à própria cultura do leitor.

Para Venuti, portanto, domesticação é adotar, na tradução, elementos próprios da cultura de chegada, como no exemplo de Sir John Denham, ao traduzir o Canto II da Eneida, de Virgílio: “se Virgílio precisa falar inglês, é bastante apropriado que ele fale não só como um homem desta Nação, mas também como um homem deste século” (DENHAM apud VENUTI, 1998, p. 241, tradução nossa)⁴.

Por outro lado, a estrangeirização do texto causaria estranhamento ao leitor, entretanto, proporcionaria a valorização do elemento estrangeiro e, por vezes, resultaria em soluções tradutórias para itens culturalmente intransponíveis. Adotando uma postura que considera mais ética e adequada, Venuti (1995, p. 20) defende a tradução estrangeirizadora:

Quero sugerir que, na medida em que a tradução estrangeirizante busca conter a violência etnocêntrica da tradução, é altamente desejável hoje em dia uma intervenção cultural estratégica na atual conjuntura internacional [...]. A tradução estrangeirizante em inglês pode ser uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, contra o narcisismo e o imperialismo culturais, em favor de relações geopolíticas democráticas.⁵

A seguir, apresentam-se alguns dados sobre escritor Bernardo Élis, a título de contextualização com este estudo, para posterior exame da teoria aplicada ao seu conto escolhido.

⁴ if Virgil must needs speak English, it were fit he should speak not only as a man of this Nation, but as a man of this age (DENHAM apud VENUTI, 1998, p. 241).

⁵ I want to suggest that insofar as foreignizing translation seeks to restrain the ethnocentric violence of translation, it is highly desirable today, a strategic cultural intervention in the current state of world affairs [...]. Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations.

Bernardo Élis: breve esboço sobre sua escrita regionalista

Bernardo Élis é o escritor de maior projeção no grupo dos modernistas de Goiás, tornando-se referência do regionalismo tradicional com os contos de *Ermos e gerais* (1944) e com seu primeiro romance, *O tronco* (1956) e, no sertanismo goiano-mineiro, que passou a competir em prestígio com a literatura do Nordeste (MINANI e SCHNEIDER, 2011).

Como destaca Zênia de Faria (1986, p. 158), trata-se do primeiro escritor contemporâneo goiano a ultrapassar as fronteiras desse Estado, e também foi o primeiro e único autor goiano a entrar na Academia Brasileira de Letras.

Bernardo Élis se destaca por dar uma voz peculiar, desviante da norma padrão da língua portuguesa, a personagens marcados pela exclusão social, muitas vezes, pobres e analfabetos, o que caracteriza uma espécie de denúncia da situação de penúria e abandono em que eles se encontram. Também há, nessa criação literária, expressões típicas das cercanias do Estado de Goiás, evocando hábitos, costumes, fauna, flora e todo um conjunto que caracteriza uma literatura regional.

No próximo item será feita uma análise, à luz da teoria exposta neste trabalho, do conto *A mulher que comeu o amante*, traduzido para o inglês por Mark David Ridd. Obviamente, por se tratar de uma tradução ainda não publicada, sem caráter comercial, não serão levados em conta aspectos que poderiam ter influência sobre as estratégias de tradução.⁶

Resultados e Discussão

A tradução do conto selecionado: domesticação *versus* estrangeirização

Os textos de Bernardo Élis algumas vezes impõem obstáculos ao perfeito entendimento, seja por meio das características locais da geografia, da fauna e da flora, seja pelo próprio falar dos personagens, como nos exemplos abaixo. Por questão de espaço, apenas alguns trechos do conto *A mulher que comeu o amante*,

⁶ Para refletir acerca disso, por exemplo, tendências de mercado, normas dos agentes institucionais, das editoras, dos revisores e a complexa rede que compõe a sociedade e seus diferentes contextos, aconselha-se verificar o que diz, por exemplo, o teórico André Lefevere (1992), com suas concepções acerca das manipulações e da ideologia nas traduções literárias.

foram selecionadas, destacadas em negrito e seguidas de sua respectiva tradução. As expressões sublinhadas, no texto em inglês, são alvo de comentários.⁷

Fragmento A:

- “Naquele **caixa-prego** acumulavam-se as nuvens que o vento arrecadava em seu percurso pelo vale”.
- *In that back of beyond, the wind herded clouds on its way through the valley banking them up to crown the high peaks in white.*

Observa-se que, para expressão incomum, *caixa-prego*, há uma pequena perda na solução *back of beyond*, que está domesticada, sob o ponto de vista de leitores da língua inglesa. Mas, *caixa-prego* é intransponível para o inglês.

Fragmento B:

- Quando ventava forte mesmo, a serra pegava a roncar, a urrar soturnamente, feito sucuris, feito feras.
- *When the wind picked up, the range would gloomily rumble and roar like an anaconda, like a wild animal.*

Anaconda é uma domesticação. A alternativa estrangeirizadora seria preservar a palavra *sucuri*, com algum recurso explicativo: nota de rodapé ou, simplesmente, acrescentar algo relativo a cobra ou serpente, em inglês.

Fragmento C:

- “No mais, era só armar **mundéu** para pegar quantos **caititus**, quantas **pacas**, quantos bichos quisesse”.
- *Apart from that, all he had to do was set the **traps** to catch as many **cavies**, **peccaries** and other game as he pleased.*

Manter a palavra *mundéu* – uma estrangeirização – poderia dificultar a compreensão do leitor de língua inglesa, pois faltam subsídios no texto para que a ideia fique clara. A solução *trap* (armadilha, arapuca, ratoeira etc.), domesticadora e

⁷ Não consta neste trabalho nenhum arquivo ou comentário pessoal do tradutor Mark David Ridd, que realizou seu trabalho de forma independente. No que tange à tradução mencionada aqui, trata-se de mero exercício acadêmico.

de significado mais geral, associada à noção que por associação às palavras *cavies* e *peccaries*, traz comodidade e compreensão imediata por parte do leitor de língua inglesa.

Cavy, por sua vez, é uma aproximação e se relaciona a algum tipo de animal roedor *semelhante* ou *aparentado* à paca, este último, sim, animal da fauna brasileira.

Já *peccary* encontra significado bastante próximo de *caititu*.

Os três termos, cada qual com certo nível de domesticação em língua inglesa, se substituídos por simples decalque (simplesmente *mundéu*, *caititus* e *pacas*), “abrasileirando” o texto, obscureceriam o texto, a não ser que se utilizasse o recurso da nota de rodapé ou nota de fim.

Fragmento D:

- “É que esses peixes, fanáticos por carne, por sangue, cuidavam ser logo um **trem** de comer e ferravam os dentes navalhantes na **baeta**”.
- *It's that these fish, fanatical for flesh, for blood, took it to be some stuff to eat and sank their razor teeth into the wad of cloth.*

A palavra *trem*, no linguajar goiano e mineiro, é empregada para designar, aproximadamente, qualquer coisa, em sentido geral, e, por sua especificidade, sua cor local, representa algo intransponível na tradução. Logo, *some stuff to eat* soa como paráfrase e a perda do “sabor” regional é inevitável, caracterizando uma domesticação. Já a preservação de *baeta* é uma autêntica estrangeirização, e não oferece obscuridade, visto que, no mesmo parágrafo em que tal palavra é citada, há referência a ela como pano ou tecido.

Fragmento E:

De tarde, o velho estava agachado, santamente despreocupado, cochilando na porta do rancho, quando o primo deu um pulo em cima dele, e **numa mão de aloite desigual, sujigou** o bruto, **amarrrou-lhe as mãos e peou-o**. O velho abriu os olhos, inocente, e perguntou que **brinquedo de cavalo** que era aquele.

The dotard was squatting in the afternoon, napping in saintly unconcern by the hut door when the cousin pounced upon the brute and, after an unequal tussle, overpowered him, trussing him up hand and foot. The oldster opened his innocent eyes and asked what kind of horseplay that was.

Passagem incrivelmente rica. Cada expressão em destaque fala por si mesma. Não há como estrangeirizá-las. O texto está adaptado ao leitor de língua inglesa.

Fragmento F:

- “O corpo de Januário deu uns **corcovos** elegantes, uns arrancos ágeis; depois uns passos engraçados de **cururu** ou de **recortado** e se confundiu com o sangue, com os tacos de porcaria”.
- *Januário's frame reared elegantly, making deft jerks and a few quaint cururu or fandango dance steps. Then it blended with the swirl of blood and offal.*

As palavras *cururu* e *recortado* se apresentam como termos estrangeiros ao leitor anglofalante, mas estão esclarecidas pelo contexto. Não há como domesticar *cururu*, porque é um tipo de dança bem específica do Brasil, sem paralelos. *Fandango*, uma domesticação, não corresponde exatamente ao que Bernardo Élis propõe, mas tão somente traz ao leitor do texto em inglês uma palavra mais conhecida do que o estranho *recortado*. A opção de deixar as palavras em português é viável, já que há a explicação *dance steps* (passos de dança) logo após os referidos termos.

Considerações Finais

Ao se tomar o referido conto como objeto de estudo, em algumas passagens pôde-se perceber a impossibilidade da domesticação, por exemplo, no caso de *cururu*, um tipo de dança popular sem algo semelhante na língua inglesa. Já no caso de *recortado*, outra dança popular brasileira, para o leitor de língua inglesa, talvez por semelhança, no texto inglês se apresentou como *fandango*, que, apesar de ser outra dança brasileira, é um termo que não é incomum em contextos não brasileiros. Em outros momentos, a estrangeirização também não se realizou por sua impossibilidade, como no caso de *caixa-prego*.

Vale ressaltar que não há, neste trabalho, intenção prescritiva sobre “como” traduzir um texto, tampouco julgamento de valor sobre o trabalho do tradutor e, diante do que se afirma na teoria específica, o texto resultante – *The lass who ate*

her lover – não se enquadra no que, por exemplo, Venuti afirma sobre os pontos negativos da domesticação, haja vista que há certo equilíbrio, certo balanço no uso das duas estratégias.

Os resultados, portanto, indicam que a estrangeirização pode não ser a única estratégia de tradução, dado o caráter específico do texto literário utilizado como objeto de estudo, o que leva a concluir que a “violência etnocêntrica” apontada por Venuti está direcionada a outros casos de tradução, situações essas em que pode haver o uso deliberado da domesticação, seguindo normas que podem ser “num primeiro momento, linguísticas ou literárias, mas também vão incluir uma ampla diversidade de valores, crenças e representações domésticas que carregam uma força ideológica ao servir a interesses de grupos específicos” (VENUTI, 1998, p. 29).

Agradecimentos

Mark David Ridd, professor na Universidade de Brasília, de nacionalidade britânica, é um experiente tradutor, com profundo conhecimento dos problemas que se apresentam nessa área. Faz-se aqui um agradecimento por sua generosidade em ceder, sem ônus, sua tradução.

Referências

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET-UFSC, 2007.

ÉLIS, Bernardo. **Coleção Alma de Goiás**: obra reunida de Bernardo Élis. Vol. 1 (contos): Ermos e gerais; Caminhos e descaminhos; Veranico de janeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

LEFEVERE, André. **Translation, rewriting and the manipulation of literary fame**. London, New York: Routledge, 1992.

MILTON, John. **O clube do livro e a tradução**. Bauru: EDUSC, 2002.

MINANI, Thiago; SCHNEIDER, Daniel. *Literatura*: O tronco – Bernardo Élis tornou-se referência do regionalismo tradicional com seu segundo livro. In: **Educar para crescer**. [s.l]: Abril S.A., 2011. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/o-tronco-403604.shtml#>>. Acesso em: 04/10/2015.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Dos diferentes métodos de traduzir. Trad. Mauri Furlan. In: **Scientia Traductionis**, nº 9. Florianópolis: UFSC, 2011. p.3- 70.

TYMOCZKO, Maria. Post-colonial writing and literary translation. In: BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish (org.). **Post-colonial translation: theory and practice**. Londres: Routledge, 2002, p. 19-40.

VENUTI, Lawrence. Strategies of translation. In: BAKER, Mona (org.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres: Routledge, 1998, p. 240-244.

_____. **The translator's invisibility: a history of translation**. London/New York: Routledge, 1995.

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.